

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL

Cybele de Faria e Soares
Gepave-USP/Brasil
cybeledefaria@gmail.com

Marcos Fuzita Murata
USP/Brasil
marcosfmurata@yahoo.com.br

Introdução a EAD no Brasil

Sendo a EAD a modalidade de ensino caracterizada pela separação geográfica entre os alunos e o professor, faz-se necessário o uso de ferramentas de educação à distância de modo a possibilitar a interação entre o aluno-conteúdo e aluno-professor. Ainda que relacionada ao uso da internet, a EAD surgiu antes e passou por variados períodos.

Suas principais fases foram a correspondência, a televisão e a internet.

As primeiras experiências com EAD foram o oferecimento de cursos por correspondência. Neles, os alunos recebiam em suas casas o conteúdo didático e as orientações para a execução de trabalhos, que na sequência deveriam ser também postados às instituições.

Entre 1920-80 as instituições passaram a integrar em suas atividades conteúdos disponibilizados por meio de rádio e em seguida por meio da televisão. Na década de 1920, algumas universidades americanas passaram a oferecer cursos de créditos por meio do rádio. Na década de 1930, os primeiros cursos transmitidos pela televisão foram realizados nos Estados Unidos (MOORE & KEARSLEY, 2013, p.42). Entre as décadas de 1960-70, surgiram as primeiras iniciativas com uso articulado de diversas tecnologias de comunicação. Esses cursos eram ministrados por meio de transmissões de rádio e televisão, conferências por telefone e envio por correspondência de material de áudio e de guias impressos (MOORE & KEARSLEY, 2013, p.45).

A partir da década de 1970, em diversos países, foram institucionalizadas universidades públicas voltadas exclusivamente para a oferta de cursos a distância.

Desde então, a EaD ganhou cada vez mais espaço na vida das pessoas devido a fatores econômicos e pessoais que fizeram com que, em muitos casos, ela acabasse ganhando a preferência do

público quando posta em jogo frente ao ensino presencial. A relação custo-benefício, a comodidade e o deslocamento são os critérios que mais pesam a favor dessa modalidade de ensino.

A oferta EaD na formação de professores

Se a EaD se instalou como uma possibilidade de incentivo ao progresso e desenvolvimento de novos conhecimentos, para a formação de professores é um campo ainda em progresso e que divide as opiniões e, por esse motivo, o presente artigo objetiva problematizar a questão.

Na área de formação de professores, a EAD foi concebida como uma modalidade adequada à expansão da formação continuada, tendo em vista a necessidade de garantir, de forma permanente, o avanço nos estudos e nas pesquisas que contribuem para uma melhoria significativa da prática docente (MARTINS, 1996, p. 58).

Muito tem se questionado acerca das vantagens da EaD na formação de professores, sua efetividade e sucesso na vida do profissional. Contudo, é importante destacar que opiniões conflitantes e resistências pedagógicas que cercam esse tema não têm impedido que os cursos se desenvolvam e que as práticas aconteçam, apontando perspectivas que contemplam as novas ferramentas de comunicação que surgem a cada dia (SOARES, 2000, p. 237).

No Brasil, a partir de 1995, foi criada a Secretaria de Educação a Distância (Seed), com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o incentivo à criação de Projetos de Educação, cuja metodologia poderia ser a da modalidade à distância (ANFOPE, 2004, p. 27-28).

A Seed registra um crescimento de 30% entre os anos de 2004 e 2006. Neste bojo, foram criados projetos de formação de professores em EaD, com a ideia de um ambiente de aprendizagem diferenciado, em que cada sujeito seja capaz de satisfazer suas expectativas e adquirir os conhecimentos necessários à sua qualificação.

Formação inicial de professores no Brasil

A história da formação de professores no Brasil, desde sua formalização após a independência em 1822 até a última LDB, de 1996, evidencia dois modelos de ensino que se apresentam a depender dos objetivos políticos do contexto sócio histórico e demarcam espaços de poder: o ensino técnico e prático, voltado para as massas e o ensino teórico, voltado às elites.

O primeiro modelo é a definição de uma formação para professores que privilegie a prática, o treinamento para exercer a função em sala de aula. Por outro lado, o modelo dos conteúdos culturais-

cognitivos realça a importância da cultura geral e dos conhecimentos específicos da disciplina para uma prática como professor mais efetiva.

Os dois modelos pretendem responder à questão: o que é um bom professor? Como tornar a aprendizagem mais eficaz?

A LDB/ 1996 traz como um ponto fundamental para responder a pergunta sobre o que é um bom professor a necessidade de ele ter formação em nível superior. Portanto, crescem as demandas educacionais para formação de professores e vários programas de formação em serviço foram desenvolvidos. Neste cenário, a Educação à Distância se apresenta como uma alternativa exequível para atingir a públicos tão distintos e distantes no território nacional.

O que surgiu como ideia de formar os professores que já atuavam em sala de aula por meio da EaD acabou por entrar na formação inicial (graduação) e houve expansão do ensino superior no país com a entrada de universidades privadas. Em função do baixo custo promovido pela EaD, os cursos de licenciaturas, frequentemente mais baratos que os demais, cresceram muito.

Os estudantes dos cursos de licenciaturas no país são angariados nos estratos sociais mais desfavorecidos e que conciliam, frequentemente, o trabalho, diurno, com o estudo, noturno. Há ainda outro ponto a ser observado: a relação social com o saber. A posição social pode ajudar a explicar a relação da pessoa com o saber porque o sujeito está imerso nas relações sociais e as posições que estas lhe conferem facilitam ou não o desejo e o movimento em relação ao saber.

Intersecção entre EaD e formação de professores: avanços e desafios

Nesse contexto, a pergunta que se coloca é a possibilidade de a relação com o saber se estabelecer de modo desejoso e direto por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Com Charlot, defendemos que a relação com o saber é forma de se relacionar com o mundo. A relação com o mundo é também relação com o simbólico, com significados, com linguagem. O que se apresenta em jogo é a relação que o sujeito nutre com o saber. Charlot adota as seguintes definições:

- “- a relação com o saber é relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender;
- a relação com o saber é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com “o aprender” e o saber;
- Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: a relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, tal situação” (CHARLOT, 2009, p. 80-81)

Há uma rede de conceitos que também se relacionam com o desejo do indivíduo com relação ao saber: ter experimentado o prazer de aprender também define como o sujeito se relaciona com o saber.

Deixa de ser uma relação externa e o sujeito passa a ser a relação: “o sujeito é relação com o saber” (CHARLOT, 2009, p. 82).

Daí que a formação inicial do profissional que tem como função contribuir para ampliar e aprimorar as relações com o saber de outros sujeitos deve ser feita de modo que a experiência com o saber seja positiva.

“O bom professor é aquele que vive profundamente uma experiência cultural e se apropria, sistematicamente, dela e dos meios necessários para proporcionar a outrem a mesma experiência e apropriação. [...]. Na formação de professores, o ambiente escolar se caracteriza fundamentalmente por possibilitar relações intersubjetivas; essas são relações essenciais e mediadoras das demais (as relações instrumentais, por exemplo). O que os defensores da educação virtual esquecem ou escondem é o fato de que as pessoas não se satisfazem, não se realizam e, principalmente, não se formam, apenas com base em relações instrumentalmente mediadas; essas são importantes, mas de modo algum suficientes” (GIOLO, 2008, p. 1229)

Diante dessas questões, a formação de professores na modalidade EaD tem como principal desafio romper as barreiras que se impõem por conta de seu confinamento ao atual modelo de ambiente virtual de aprendizagem. Se a educação à distância cumpre um papel importante na capacitação profissional em diversas áreas, é preciso avançar em direção a um modelo de formação de educadores na modalidade EaD que potencialize a relação entre o professor e o saber.

Referências bibliográficas

ANFOPE. **Políticas públicas de formação dos profissionais da educação: desafios para as Instituições de Ensino Superior**. Brasília: ANFOPE, 2004.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Bookman Editora, 2009

GIOLO, J. **A educação a distância e a formação de professores**. Educação & Sociedade, 29(105), 1211-1234, 2008.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista brasileira de Educação, 2009.

MARTINS, O. B. **A educação superior a distância e a democratização do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação à distância: Sistemas de aprendizagem online**. 3 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

PRETI, O. (Org.). et al. **Educação a distância: sobre discursos e práticas**. Brasília: Liberf Livro, 2005.

SOARES, S. G. Inovações no ensino superior: reflexões sobre educação a distância. In: CASTANHO, S; CASTANHO, M. E. L. M. (Org.). **O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora**. Campinas: Papirus, 2000.